



| | |
|-------------------|--|
| Evento | Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| Ano | 2015 |
| Local | Porto Alegre - RS |
| Título | Racismo, sujeito negro e psicologia – do espaço de fala à construção de conhecimento |
| Autor | LIZIANE GUEDES DA SILVA |
| Orientador | HENRIQUE CAETANO NARDI |

Título do trabalho: Racismo, sujeito negro e psicologia – do espaço de fala à construção de conhecimento.

Nome da autora: Liziane Guedes da Silva

Nome do orientador: Prof. Dr. Henrique Nardi

Instituição de origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo:

Este trabalho integra a pesquisa “Racismo, relações de saber-poder e sofrimento psíquico” do Instituto de Psicologia com o apoio do CNPq de 2015-2016. O objetivo da pesquisa é analisar os efeitos do racismo e da interseccionalidade de gênero na saúde mental de usuárias/os e trabalhadoras/es da atenção básica em Porto Alegre e Pelotas/RS, a partir do referencial teórico-metodológico de Michel Foucault, da psicologia social crítica e de feministas negras. O objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão bibliográfica e uma discussão qualitativa sobre a psicologia, o silenciamento e o sofrimento psíquico decorrente do racismo, tencionando os estudos acerca do racismo e da psicologia no meio acadêmico e a atuação do/a psicólogo/a, abrangendo a importância do protagonismo de psicólogos/as negros/as na construção desses conhecimentos. Serão abordados (A) os efeitos do racismo, seu silenciamento e sua invisibilização na população negra brasileira, (B) o conceito de epistemicídio, de Boaventura Souza Santos, como ausência da produção de conhecimento sobre o negro no espaço acadêmico e do negro enquanto produtor de conhecimento e (C) o privilégio da branquitude, segundo Maria Aparecida Bento, dos/as psicólogos/as brancos/as que lhes permite ignorar a existência do racismo. Os conceitos epistemicídio e branquitude, apresentam-se como instrumentos eficazes da dominação racial que vilipendiam os negros no acesso ao conhecimento produzido por eles mesmos, dificultando a construção de uma identidade positiva na sociedade e diminuindo suas chances de mobilidade social. A herança do mito da democracia racial no Brasil faz com que exista racismo, contudo não haja brasileiras/os assumidamente racistas. Assim, quando uma pessoa negra compartilha uma violência racial, em geral, ela ainda é obrigada a provar a ocorrência do fato, ou sua fala será minimizada e seu sofrimento silenciado. O silenciamento e a minimização do sofrimento inibem a vítima de racismo de falar sobre o assunto, gerando ainda mais aflição e a sensação de não ter apoio para dar conta do ocorrido. As/os profissionais da psicologia reproduzem esse comportamento muitas vezes em seus locais de trabalho, ora pelo pouco estudo sobre psicologia e racismo, ora pelo privilégio da branquitude. Sugere-se que os espaços de fala e escuta sobre o racismo possibilitam a ressignificação do sofrimento que essa violência inflige ao negro e uma mudança futura de comportamento pela potência da oralidade para o povo de origem africana. Psicólogas/os capacitadas/os fazem a diferença no tratamento dos sujeitos negros, mas, principalmente, a atuação de psicólogas/os negras/os capacitadas/os devido ao protagonismo, à representatividade e à empatia decorrente de vivências prévias em situações de racismo. Patrícia Hill Collins afirma a importância do protagonismo negro em estudos que tratem das relações raciais, devido à trajetória da população negra na experiência da opressão causada pelo racismo, sendo fator diferencial na construção de conhecimentos válidos. Por fim, acredita-se que os resultados deste trabalho irão colaborar (1) para a apropriação de conteúdos sobre o racismo na formação acadêmica em psicologia e saúde, contribuindo também (2) à prática profissional de psicólogas/os no Brasil e (3) à proposição de políticas públicas implicadas em benefícios à saúde da população negra e à sociedade como um todo.